

Telma Guimarães Castro Andrade



Conquista esporte clube



Ilustrações Fê



projeto
compartilhar

*Um caminho
para a inclusão*

 Editora
do Brasil





Telma Guimarães Castro Andrade

Conquista esporte clube

Ilustrações **Fê**

 **Editora
do Brasil**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Telma Guimarães Castro
Conquista esporte clube / Telma Guimarães Castro Andrade;
ilustrações Fê. – São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

ISBN 978-85-10-04228-4

1. Literatura infantojuvenil I. Fê. II. Título.

05-9877

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |



***Um caminho
para a inclusão***

Texto ©Telma Guimarães Castro Andrade
Ilustrações ©Fê

©Editora do Brasil S/A, 2006
Todos os direitos reservados

Direção-geral

Vicente Tortamano Avanzo

Direção adjunta

Maria Lucia Kerr Cavalcante de Queiroz

Direção editorial Cibele Mendes Curto Santos

Edição Sergio Alves

Coordenação de artes e editoração Ricardo Borges

Assistente editorial Maíra Carcelen

Projeto gráfico e diagramação Maria A. Alves

Controle de processos editoriais Marta Portéro

Ficha técnica do CD audiolivro

Criação, Arranjos, Produção e Direção Musical	Douglas Las Casas, Ivan Teixeira
Gravação nos Estúdios E.B.S.R., Anonimato e Oca	Bruno Alves, Edu Trança, Thiago Rabello
Gravações adicionais	ÉleCe (LC) Estúdio
Mixagem e Masterização no Estúdio E.B.S.R	Bruno Alves
Atores participantes	Bruna Guerin, Daniella Giusti, Lina Loback, Luiz Pacini, Mirian Kass
Consultoria Técnica em Educação Especial	Rita Sant'Anna e Alessandro Câmara
Coordenação	Selma Alves Costa

1ª edição / 9ª impressão – 2018
Impresso na Printexpress editora e gráfica



**Editora
do Brasil**

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP – CEP: 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

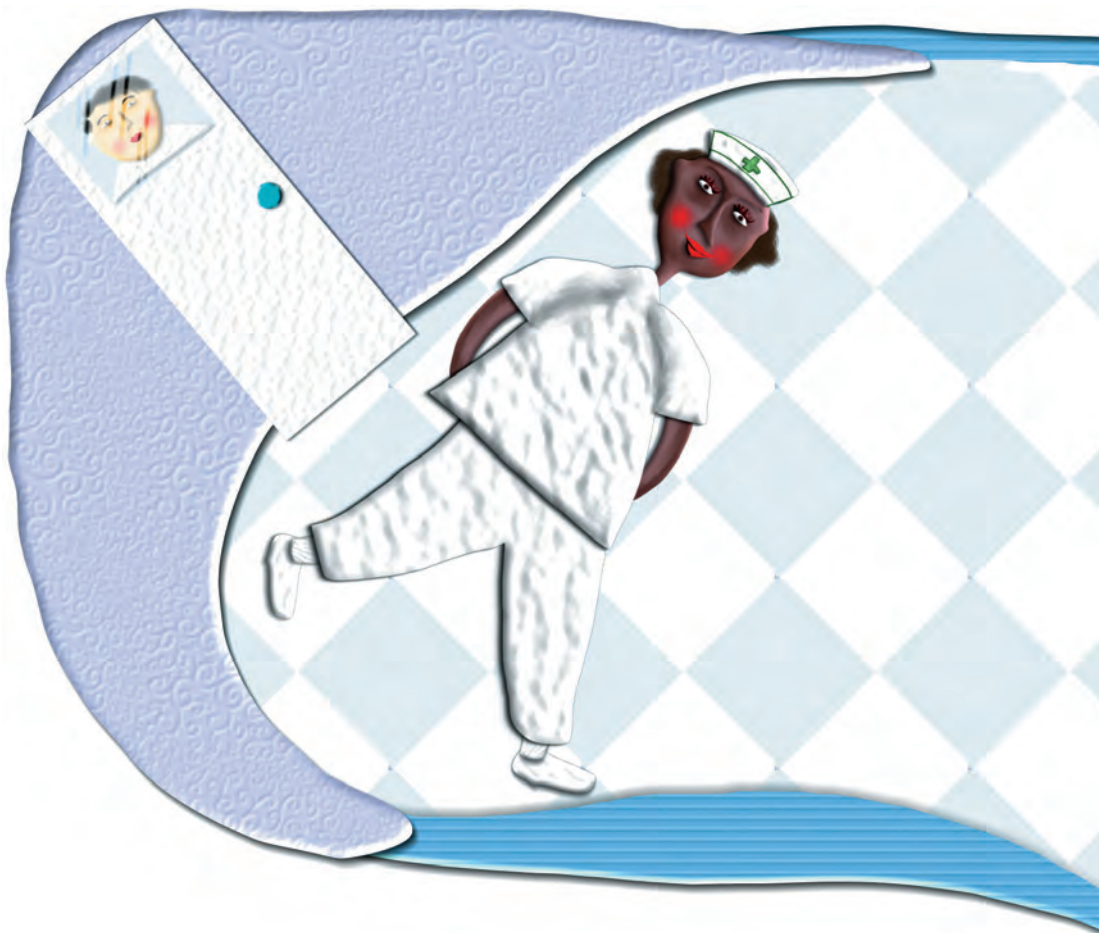
abdr
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DOS DIREITOS
REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral

Apresentação



O Projeto compartilhar – um caminho para a inclusão foi criado a partir de necessidades reais, baseado em experiências que a própria autora, Telma Guimarães, viveu ou ouviu em relatos. Como o tema é de suma importância no momento em que as escolas do país estão se preparando para receber todas as pessoas com necessidades especiais em suas unidades, esses relatos simples e contundentes podem auxiliar no encaminhamento de algumas questões e até mesmo no enfrentamento de outras tantas que comprovem definitivamente que o abraço acolhe e agrega sem ser paternalista e piegas. E assim o **Projeto compartilhar** aposta nesse caminho como uma possibilidade real para a construção conjunta de uma sociedade mais justa, com cidadãos solidários e participativos. Boas leituras!





Audiolivro
Faixa 1

— **P**ronto! — A enfermeira entrou no quarto. — É hora de levar o bebê para o berçário. Por hoje está bom, não é mesmo, menino bonito? — Com jeitinho, ela pegou o bebê dos braços da mãe.

“Como é gostoso segurar o filho nos braços!”, Vânia pensou ao entregar o bebê à enfermeira. Ele tinha os olhos do pai, mas herdara o seu rosto redondo e a covinha no queixo.

Logo em seguida, o pediatra da maternidade apareceu no quarto. Conversou um pouco com a mãe e o pai, brincou e até contou uma piada. De repente, ficou mais sério.

— O senhor quer nos dizer alguma coisa, doutor? — Vânia perguntou.

— Bem, precisamos ter uma conversa. O seu filho nasceu com má formação na coluna vertebral e...





Vânia levou a mão à boca. Tinha esperado tanto por aquele bebê!

— E o que isso quer dizer? — Ela e o marido mal conseguiam falar.

— Bem, isso quer dizer que quando ele for maior talvez não consiga fazer todas as coisas...

— Que... coisas? Ele não vai andar? — Os pais estavam muito assustados.

— Não, mas é importante que seja estimulado a fazer todas as coisas — só então o pediatra abriu um sorriso.



— Não estamos entendendo! — Nilson pediu que o médico explicasse melhor o que estava acontecendo.

O médico procurou acalmar os pais. Explicou que com o tempo, apesar da má formação de nome muito complicado, a criança descobriria meios para realizar várias tarefas.

— É um bebê normal, inteligente e bem esperto... — finalizou.

— Como vamos tratá-lo, doutor?

— Vocês têm outros filhos?

— Um menino.

— Qual a idade dele? Ele tem boa saúde? — O médico passou a fazer uma porção de perguntas que os pais, naquele momento, não compreendiam bem.

“De que adiantava falar do filho mais velho? O que resolvia contar da casa com jardim em que moravam, do convênio com o hospital?”, pensavam.

O pediatra ficou um bom tempo no quarto conversando sobre a saúde do bebê. Os pais pareciam estar em outro mundo. Para eles, aquele homem parecia estar falando com outras pessoas.

Depois que ele saiu, Vânia e Nilson choraram. Seu bebê nunca iria andar, jogar futebol, pular pela casa. Quem cuidaria dele depois que os dois morressem?



— Acho que a gente deve pensar nisso depois... Não adianta sofrer agora, Vânia — o marido consolou a esposa.

— O Felipe já está com tanto ciúme... Já pensou agora que vamos dar mais atenção ao Davi! — Ela chorava sem parar.

— Não se preocupe, querida. Vamos deixar as coisas seguirem naturalmente...

Vânia achou que talvez o marido tivesse razão.

Quando o bebê voltou para o quarto morto de fome e ela lhe deu de mamar, esqueceu por um momento de todas as preocupações.

“Você não vai ser um problema, nenê!”, falou ao seu ouvido. “Vai ser inteligente e esperto como ninguém... E muito amado!”

Audiolivro
Faixa 2

No começo Davi não entendia bem por que a mãe, o pai, os avós e até mesmo o irmão mais velho cismavam em lhe dar comida na boca, como se fosse um bebê.

É claro que não podia reclamar, porque ainda não sabia falar direito, mas deveria ter jogado muitas colheres para o alto, num tipo de reclamação.

— Deixe ele se virar sozinho!

— Mas vai fazer uma sujeira que só vendo!

— Não faz mal. A gente limpa.



— Se ele não aprender quando pequeno, como é que vai fazer quando for adulto?

Davi ainda não entendia como aquele negócio de colher funcionava, mas quis aprender. Achava muito engraçada a história de aviãozinho para cá e para lá, mas acabou querendo ele mesmo pegar a colher e fazer um avião.

Foi durante uma sessão “aviação” que pegou a colher da mão da mãe.

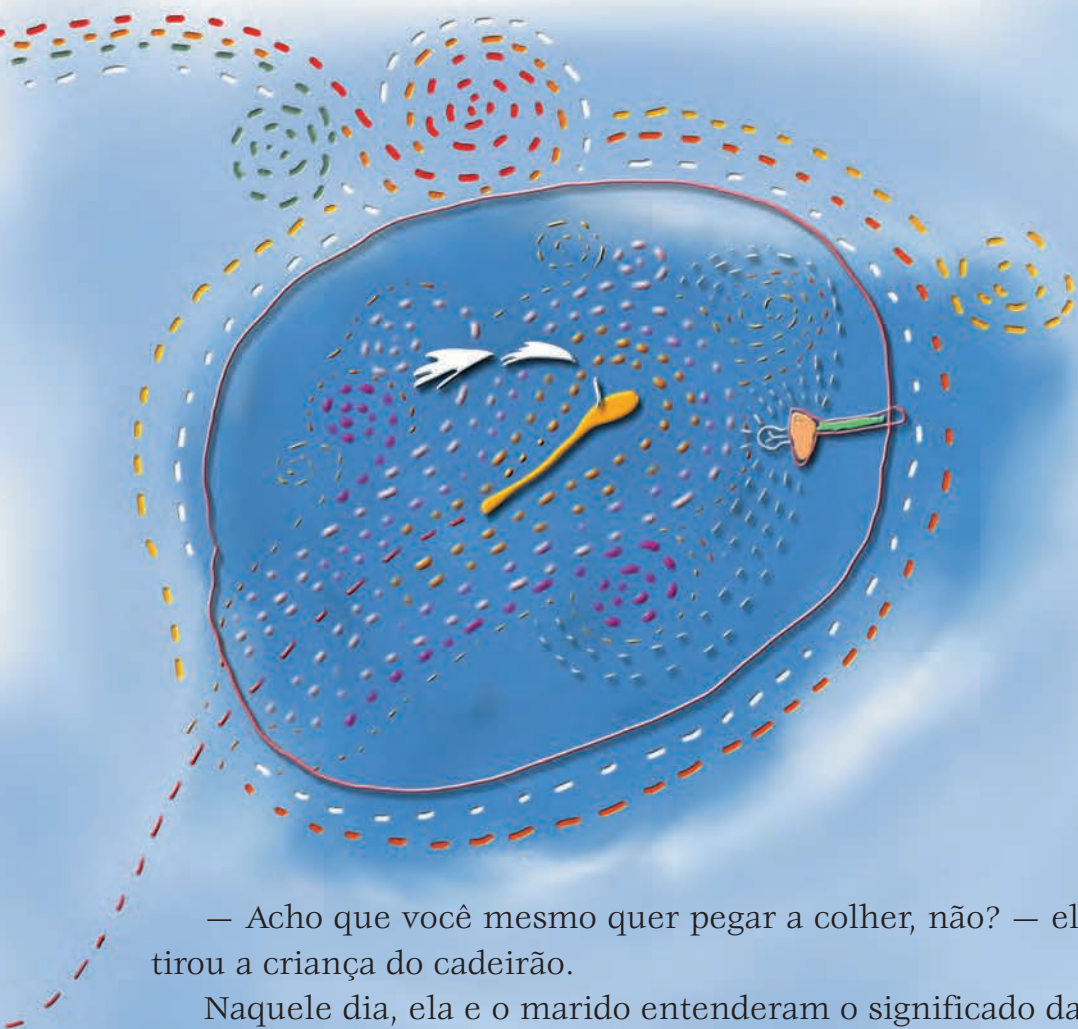
— Dá! — jogou a colher para cima.

Foi um bom começo para que todos entendessem que queria aprender a comer sozinho como todo mundo.

— Dá-dá-dá... — pediu a colher que tinha caído no chão.

Quando Vânia se agachou para pegá-la, viu que o filho estava se debruçando tanto no cadeirão que mais um pouco acabaria caindo.





— Acho que você mesmo quer pegar a colher, não? — ela tirou a criança do cadeirão.

Naquele dia, ela e o marido entenderam o significado das palavras do médico na maternidade. Se o Davi nunca iria andar, teriam de achar um meio para que ele ao menos se locomovesse no chão... como os outros bebês. Nilson logo bolou uma proteção para os braços... E foi assim que Davi aprendeu a engatinhar. Com os braços, claro!

— Vamos escovar os dentes? — Felipe pensou em ensinar o irmão. E o pegou no colo. O garotinho já estava aprendendo a falar e não gostava mais de ser carregado para cá e para lá.

— Chão! — ele apontou.

Felipe ficou sem jeito. Como é que o irmão iria escovar os dentes sem alcançar a pia? De repente, teve uma ideia. Colocou Davi no carrinho e foi até o quintal. Abriu um armário do quarto dos fundos e pegou uma bacia bem grande, um esguicho e um espelho.

— Vou arrumar um lugar pra você. Vai ser bem legal, viu? Eu tenho a minha pia e você vai ter a sua! — explicou ao irmão.

Os pais dos meninos não estavam em casa e Davi achou muito engraçada a barulheira e a confusão que Felipe fazia no banheiro.

— Ponho a bacia aqui em cima desse banquinho... — puxou o carrinho do Davi para medir a altura e ver se daria certo. — Em cima! — conferiu.

— Água! Dá! — o irmão pediu.

— Calma, Davi. Agora, vou colocar a mangueira na torneira e enroscar bem, assim quando abrir a torneira, a água vem direto para sua pia.

— Abre! — Davi pediu.

Foi então que Felipe percebeu a bobagem que tinha feito. Como é que o irmão ia abrir a torneira se não a alcançava?

— Já sei! — gritou. — É só colocar aquela ponta do esguicho na torneira. Ela fica aberta mas não sai água, entendeu? É que a ponta do esguicho estava fechada.

— Tá — Davi parecia entender.

Quando os pais voltaram para casa e viram Davi, de apenas dois anos e meio de idade, debruçado sobre a “pia” improvisada tentando escovar os dentes, levaram o maior susto. Tinha mais pasta pelo rosto do que na boca, mas não fazia mal!



Felipe era mesmo um menino criativo e Davi tinha muita vontade de aprender! Os pais ficaram felizes.

Quando tinha cinco anos, Davi ganhou uma cadeira — com rodas, como a bicicleta de Felipe.

— Você pode virar pra cá e pra lá... — explicaram-lhe.

— Posso correr também?

Os pais se lembraram das palavras e das recomendações do médico.

— Pode. Mas todo mundo que corre tem que correr com cuidado, pra não ir atropelando os outros ou trombar com alguém. Não queremos que você ou as outras pessoas se machuquem.

— Tá bom! — ele prometeu e pediu ao pai para colar suas figurinhas preferidas na parte de trás da cadeira.

Felipe levou Davi à praça. Era lá que eles brincavam, conversavam com os amigos.



Assim que chegaram, um garoto se aproximou e perguntou:

— Por que você fica assim?

— Assim como? — Davi não entendeu a pergunta.

— Nessa cadeira. Você teve paralisia? Seus pais não deram vacina pra você?

Davi suspirou. Um dia ainda ia se acostumar com pergunta boba. Olhou para o menino e viu que ele tinha um cachorro com o rabo virado para baixo.

— Por que o rabo do seu cachorro é virado pra baixo? — perguntou.

— Sei lá! — O menino estranhou a pergunta do Davi.

— Os cachorros que conheço têm rabo pra cima... Ou então nem têm rabo.

— É... — O menino fez uma cara! — Nunca tinha pensado nisso.

— Quer jogar bafo? — Davi convidou.

— Você trouxe figurinha?

— Claro! — E ele tirou do bolso um bolo assim de figurinhas.

Quando Felipe voltou do jogo de futebol, suado e cansado, viu que o irmão estava jogando com o outro garoto.

“Quem sabe quando tiver mais prática com a nova cadeira ele possa jogar futebol comigo!”, pensou. “O duro é saber como vamos conseguir!”

Davi adorava ouvir histórias. Tanto se interessava por elas e pelas letras que acabou aprendendo a ler e escrever aos seis anos. Ele perguntava, pegava revistas, ia atrás da mãe, do pai, do irmão mais velho, atazanava a avó, o avô, os tios e os primos.

Como tinha acabado de completar sete anos, começaria a ir à escola. Até então, não havia frequentado o maternal, o jardim, ou a pré-escola. Não por falta de vontade do garoto. Mas porque Vânia se preocupava demais com o filho.

Os pais de Davi resolveram então matricular o menino na mesma escola do Felipe. Naquele dia, saíram de casa bem cedo, mas valeu a pena.

— Não é por mal, é que são muitas escadas... E nem temos um banheiro apropriado! — A diretora se desculpou.

— É que a gente gostaria de manter os irmãos na mesma escola!

Vânia e Nilson tentavam convencer a diretora.

— É que o problema dele... — a senhora de voz mole, coração duro, óculos dourados e olhar sem cor, começou a falar.

— Qual é o problema dele? Adultos têm problemas. Não o Davi! — Os pais estavam ficando impacientes.

A diretora pensou, pensou, pensou... E resolveu aceitar a matrícula do garoto. Avisou, no entanto, que a escola não dispunha de um funcionário que pudesse ficar o tempo todo ao lado do menino.

— Nosso filho não precisa de um tratamento diferente! — o pai perdeu a paciência. — Ele é como as outras crianças. Quando não consegue fazer uma coisa, acaba dando um jeito!

Os dois saíram da escola e foram para casa. Pelo menos teriam uma boa notícia para dar ao filho. Na segunda-feira ele começaria a cursar o primeiro ano na escola do Felipe. E isso era o que mais importava.





Feliz da vida, Davi quis ir com a mãe à livraria para comprar os livros e os cadernos. Ele mesmo escolheu a mochila e a lancheira.

— Mãe, será que vou ter um monte de amigos? — Estava todo ansioso.

— É claro que vai! — A mãe o tranquilizou.

O garoto nem dormiu de tanta alegria. Leu três livros, virou para o lado, puxou o fio do abajur, apagou a luz, acendeu de novo... até que pegou o travesseiro e jogou no Felipe, acordando o irmão. Pronto. Estava armada uma guerra de travesseiros!

Depois de muita diversão e até um pouco de briga, os dois resolveram dormir. No dia seguinte teriam aula!

O pai nem precisou acordar os dois. Davi, sem muita dificuldade, já tinha passado para a cadeira, que era da mesma altura da cama. Havia colado um monte de adesivos nela.

Puxou a gaveta da cômoda, pegou o uniforme, voltou para a cama, tirou o pijama e se vestiu... Só não conseguiu amarrar os cadarços do tênis... Mas chegaria lá.

O avô, um cara muito legal, tinha feito umas rampinhas nos degraus da casa onde moravam. Seis e meia da manhã e ele já estava na cozinha, rosto lavado, cabelo penteado. O avô tinha ajeitado um espelho na frente do armário para que Davi pudesse se arrumar. Davi havia ainda conquistado uma pia do seu tamanho e um “trono” da hora.

Vânia levou os dois filhos à escola. Bem que ela quis descer para levar Davi até a porta da classe, mas o menino não deixou.

— Vão pensar que sou um bebezinho, mãe! — ele reclamou.

A mãe despediu-se dos filhos e saiu, coração apertado, preocupada. Não queria que Davi fosse um “problema” para os outros.

— Tudo pronto? — Felipe perguntou ao irmão quando desceram com a escada.

— Tudo pronto! — Davi respondeu.

— Quer ajuda? — um professor ofereceu.

Num minuto e um grupo de alunos se formou em volta dos dois.

— Olha! Ele não pode andar!

— Será que foi acidente?

— Vai ver os pais não deram vacina!

— Tem cura?

Enquanto Felipe e o professor desciam a cadeira de Davi, ele respondeu:

— Nasci assim mesmo, tem algum problema?

Assim que puseram a cadeira no chão, um garotinho que parecia ser da pré-escola parou bem na frente deles:

— É legal andar aí?

— Acho que é... Sempre andei aqui! Quer saber, dá até pra fazer umas manobras radicais... — Davi ensaiou uns movimentos para frente e para trás antes de ir para a classe.

Eram muitos os curiosos.

Quando chegaram na porta da sala, Felipe se despediu do irmão. Antes, tinha conferido se era mesmo aquela sala.

Quando a professora viu que não havia espaço para Davi e sua cadeira, pediu que dois alunos tirassem duas carteiras do lugar.

O garoto sentiu um aperto muito grande no coração. Teve vontade de jogar aquela porcaria pela janela, sair correndo, ou de dar um chute na cadeira, ficar em pé como todo mundo — ou quase todo mundo —, mas não teve outro jeito a não ser engolir a seco o nó na garganta e segurar uma lágrima que estava tentando fugir do olho.



Para disfarçar a emoção, arrumou sobre a cadeira a prancha que o pai havia providenciado para que ele escrevesse. Abriu a mochila sobre a prancha e foi arrumando os cadernos, os lápis e a borracha.

— Muito bem, Davi. Já percebi que você é um menino rápido... — A professora olhou para os outros alunos que nem tinham arrumado o material ainda.

Davi fez três amigos nesse primeiro dia de aula. Foi na hora do recreio. Ele notou que uma menina não tinha levado lanche e tratou de oferecer metade do seu suco e parte de seu sanduíche. A fruta? Ah, ele deu inteira, pois não era muito chegado a maçã, não. E a mãe estava cansada de saber disso.

— Meu nome é Giovaneusa — ela gaguejou. — Mas pode me chamar de Gi. Meu nome é muito feio.

— E eu sou Robervaldo. Todo mundo me chama de Rober — um menino se apresentou.

Davi deu risada da Giovaneusa. Disse para ela que existiam nomes mais esquisitos ainda.

— Meu avô se chama Azaneldo. É feio, né? — ele riu. — E a minha avó é Mocinha.

— Já pensou quando ela for bem velha e todo mundo resolver chamar de “Velhinha”? — Os três caíram na risada.

Na volta do recreio, Giovaneusa e Robervaldo pediram para dar uma voltinha na cadeira do Davi.

— Hoje não dá... Mas qualquer dia eu deixo. É só ir lá em casa, tá? — ele prometeu, nem ligando para o monte de crianças em volta, olhando-o como se ele fosse um garoto de outro mundo.

Nilson foi buscar os filhos no colégio. Quis saber como fora o dia dos meninos, os novos amigos, os professores.

— Caí numa classe nova, pai. Não dá pra trocar? — Felipe não tinha gostado nem um pinga do pessoal.

— Qual é o problema? — Nilson quis saber, enquanto ajudava Davi a sentar-se no banco de trás do carro e prendia o cinto de segurança.



— É que não conheço ninguém! — Felipe reclamou.

— Na minha classe eu também não conhecia ninguém!

— Davi riu do irmão.

— Queria a minha classe do ano passado... Agora também não é mais só uma professora, mas uma porção! — Felipe fez cara feia.

— Fiz dois amigos na hora do lanche. Eles têm nomes...

— ia dizer “esquisitos”, mas acabou falando “diferentes”.

Só mais tarde é que se lembrou de um terceiro amigo. Outro amigo “diferente”. Era o menino que tinha parado à sua frente, na escada. Foi assim: na aula de educação física, Davi ficou embaixo de uma árvore. Não podia correr como os outros, num pé só, ou agachar e passar por baixo das pernas dos colegas, ou então pegar a bola e tentar encestar, ou ainda correr pelo campinho para disputar um lugar qualquer. Se tivesse alguma coisa que pudesse fazer sentado, faria. Ou se... Bem, estava pensando num plano quando o garotinho sentou-se perto dele e começou a conversar.

Davi quis saber por que ele não estava brincando, como os outros da sua classe. O menino, que se chamava João, disse que tinha esquecido os óculos em casa e que, sem eles, não conseguia fazer as coisas direito.

— E amanhã? Você vai trazer os óculos? — Davi riu do menino.

— Vou. Daí vou fazer tudo aquilo lá... igual a eles! — apontou para os alunos da sua classe, brincando de pega-pega. — E você?



— Eu?
— É. Você vai vir com a sua cadeira amanhã?
— Vou. Sempre venho com ela.
— E vai fazer... igual aos seus amigos?
— Hum... Tô pensando numa coisa... — Davi teve uma ideia.
— O que é? — João ficou curioso.
— Quando ficar pronto você vai ver! — Davi se despediu do terceiro amigo.

Na hora do almoço, Davi contou a história dos amigos novos para os pais. Também falou da raiva que sentiu na aula de educação física, de como teve vontade de chutar a cadeira na classe e das crianças que ficaram olhando para ele, enquanto era carregado escada abaixo.

— As pessoas são curiosas! — Davi notou que a mãe ficou sem jeito.

— E o que vocês acharam das aulas? — Vânia perguntou enquanto servia suco para os meninos.



— Esses professores novos deram um monte de lição. Não é mais como o ano passado, uma professora só que ia tirando as dúvidas da gente. Agora eles falam rápido e nem dá tempo pra escrever tudo — Felipe reclamou.

— Minha professora fez a gente levantar pra dizer o nome e daí, quando me viu, resolveu pedir só pra levantar a mão

— Davi contou.

— E o que mais? — Vânia quis saber.

— Falou o nome dela e leu uma história em voz alta... Bem engraçada. Depois falou das letras e daí nós fizemos uns desenhos com elas. Sabia que tem gente que nem sabe ler na classe, pai?

— Nem todos são rápidos como vocês! — os pais responderam.

Depois do almoço, Felipe foi para o quarto. Ele tinha lição para fazer, enquanto Davi, com uma cara meio sapeca, tinha umas “coisinhas” para acertar.

Audiolivro
Faixa 6

Davi ia à escola, voltava, fazia a lição e passava o resto do dia no quartinho do fundo do quintal, tratando do seu invento.

Arrumou um bom pedaço de madeira com a ajuda de sua prima Lucinha. Na ponta da estaca de madeira, colocou um tênis cheio de meias. Para que o pedaço de madeira não saísse do tênis, amarrou o cadarço em volta da madeira, prendendo bem.

— Vai ser a minha terceira perna! — Colocou-a do lado da sua perna direita.

— Mas como é que você vai chutar? — Lucinha estranhou.

— Seguro com a mão, ó... Daí o pé é que bate na bola.

— Não vão reclamar? — ela quis saber.

— Não. Olha só... — Então, pediu que a prima pegasse a bola no canto do quartinho e a colocasse no chão. — Eu tô mexendo com a mão, mas é o pé que toca a bola! — Ele ficou todo animado.

— É mesmo! — Lucinha deu um pulo. — Passe a bola pra mim.



Davi passou a bola para ela, ela devolveu. Depois, ele virou a cadeira para pegar a bola que tinha ido parar no canto.

— E agora? — Lucinha perguntou. — Como é que você vai fazer pra pegar a bola do chão?

— Você pega. E depois, campo de futebol não tem canto... — ele deu risada. — Só campo de futebol dentro de quartinho de quintal. Aí tem!

— É, tem razão. Acho que o invento deu certo! — disse Lucinha, achando o primo um menino inteligente pra caramba!

Davi resolveu guardar segredo sobre a sua invenção. Queria fazer uma surpresa para o Felipe, na escola. Quando tivesse futebol em outra aula de educação física, ia pedir para entrar no jogo. Aí não só o Felipe mas todo mundo veria que ele era capaz de um monte de coisas. Coisas comuns, que as pessoas faziam e que ele também podia fazer.



Na semana seguinte, Davi se sentiu mais à vontade na escola. A diretoria tinha providenciado uma rampa ao lado da escada principal. Mas ele não ia ser louco de descer aquilo sozinho. Já havia inventado outras coisas que não tinham dado certo e se esborrachara muitas vezes. Ainda faltava o banheiro. Era muito chato ter de pedir ajuda. Tudo porque não havia um banheiro especial para pessoas como ele.

Também na lanchonete da escola ele não conseguia saber o que estavam vendendo. Foi por esse motivo que a mãe decidiu que ele levaria o lanche de casa.

— É mais nutritivo! — Ela tentou convencer o garoto.

Só que todo mundo, mas todo mundo mesmo, comprava lanche no colégio três vezes por semana.

— Bem que aquele tampo ali podia ser mais baixo! — Ele não aguentou e reclamou para a moça da cantina.

— Você tem razão! — A moça espiou lá de cima. — Você já sabe ler, rapaz?

Davi até ficou vermelho. Nunca ninguém o tinha chamado assim.

— Sei. Sei ler e escrever — ele respondeu.

— Pois então eu vou fazer um cartaz com tudo o que tem para comer e beber na lanchonete e os preços das coisas. Daí eu colo o cartaz aqui na parede, bem na sua altura, e assim você pode olhar e pedir o que quiser. Estamos combinados?

— Ela era bem simpática. — Vou recortar algumas coisas... Espera aí, você tem revistas em casa?

— Tenho.

— Não pode recortar algumas ilustrações de sanduíches, refrigerantes, sorvetes, chocolates, frutas..., você sabe, e trazer pra mim? Não tenho nenhuma revista na minha casa! — ela ficou pensativa.

Davi prometeu que recortaria, sim. Desse jeito, também ajudaria as crianças que não sabiam ler direito. Quando acabou de tomar seu lanche e já tratava de procurar o irmão com os olhos, encontrou um menino da sua classe. Já sabia que o apelido dele





era Rolha. O Rolha, com a boca cheia de biscoito e o rosto vermelho — talvez porque tivesse corrido —, estava todo suado.

— Quer uma ajuda pra subir? — Ele ofereceu.

— Quero! — Davi ficou feliz. Ainda não tinham arrumado uma rampa por ali e não era sempre que Felipe estava por perto.

— Chupa-ovo, vem cá... — o Rolha chamou um outro menino da classe para ajudar.

Davi não aguentou e caiu na risada. Já até imaginava porque era chamado de Chupa-ovo. Notou que ele comia ovo cozido no lanche. Só não sabia o porquê do apelido do Rolha. Davi agradeceu a ajuda dos dois. O sinal tinha acabado de tocar e o Rolha ficou um pouco mais atrás, conversando com um amigo.

Davi não resistiu e perguntou ao Chupa-ovo por que o Rolha tinha aquele apelido.

— É que na primeira aula de educação física, quando a gente passou pelo túnel, ele entalou. Foi muito engraçado! Aí falaram Rolha pra ele e pegou!

— Ah! — Davi ficou até imaginando a cena. — E eu? Que apelido eu tenho? — ele perguntou, enquanto se dirigiam para a classe.

— Posso falar? — o Chupa-ovo parou de andar.

— No duro! — Davi esperava pela resposta.

— É “Coitado”. Mas a professora disse que não é pra gente falar assim de você. Ela já ficou brava com um monte de gente — Chupa-ovo empurrou a cadeira do Davi para dentro da sala de aula.

Davi ficou com muita raiva. Se tinha uma coisa que não gostava é que sentissem pena dele. Mas como é que ia dizer isso para todo mundo? Pendurar num cartaz, como a moça da cantina?

Talvez, se ele prestasse mais atenção à chamada, no início da aula, conseguisse se lembrar do nome de todos. Assim, chamaria o Rolha e o Chupa-ovo pelo nome. Quem sabe desse jeito eles comesçassem a falar Davi, em vez de “Coitado”.



Davi passou mais uns dias treinando escondido no quartinho do fundo.

Também mostrou à família os recortes do cartaz da lanchonete. Todos acharam a ideia legal. Na semana seguinte, a moça colocou o cartaz na cantina.

— Como é que não pensei nisso antes? — Ela estava toda feliz.

As crianças menores fizeram até fila para olhar o cartaz e escolher as guloseimas. E Davi não teve de ficar perguntando para ninguém o que tinha para comer nem para saber os preços. Estava tudo lá.

— Quer meu lanche?
— Seu amigo Rolha sentou-se ao lado.

— Você tá sem fome, Mathias?

O Rolha levou o maior susto. Era a primeira pessoa que o chamava pelo nome. Sem jeito, contou que tinha sido obrigado a fazer um regimezinho.





— É que na aula de educação física eu não consigo correr direito! — Ele estava todo sem graça.

Davi achou que naquela sua ideia legal caberia outra ideia mais legal ainda.

— Mathias, tô montando um time de futebol. Quer fazer parte dele? — perguntou.

— Quero. Só que eu corro pouco... Tô avisando!

Davi explicou que ele estava treinando para correr com a cadeira e tudo.

— Mas como é que você vai fazer pra chutar? — o outro garoto estranhou.

— Ah, eu inventei... É surpresa! — Não quis contar o que tinha planejado.

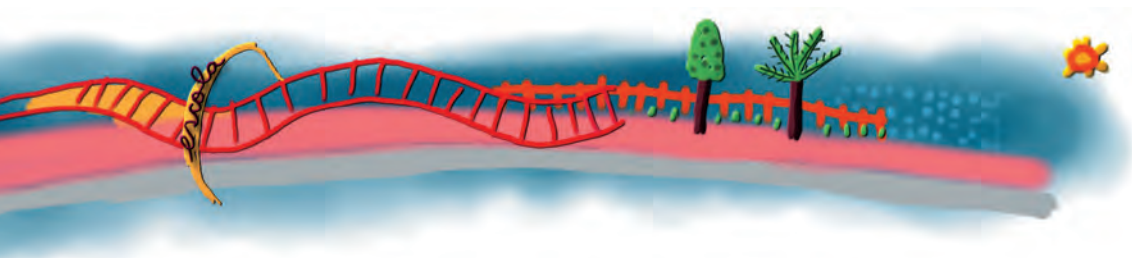
— Mas um time com dois... Quem fica no gol e quem chuta?

— É, tá faltando gente.

— Olha lá o Chupa-ovo! — Mathias apontou o amigo. — Ele bem que podia entrar no nosso time. É tão magrinho que só fica no banco.

Os dois chamaram o Chupa-ovo, que foi logo topando o convite. Já estava na hora do sinal quando Davi avistou seu amigo de óculos.





— João! Vem cá!

João, também conhecido como Zoio, ficou contente com o convite dos amigos. Davi levou o maior susto quando ele contou que estava na primeira série B e não no pré. Ele era baixinho mesmo!

Faltavam ainda algumas pessoas, mas Davi nem precisou procurar. O João contou para o Robervaldo e a Giovaneusa, que eram da sua classe, e os dois toparam na hora.

Na aula, a professora até precisou chamar a atenção do Mathias, que não parava de cochichar com o Joaquim, o Chupa-ovo, que não parava de cutucar o Davi.

Mathias ficou encarregado de pedir à diretora que os deixassem treinar no sábado. Ela reclamou um pouco, disse que aquilo não constava no regulamento do colégio, mas Mathias insistiu tanto que ela acabou concordando.

Ainda faltava gente, mas o time de seis acabou ficando com oito. Tudo por causa de outro garoto que Davi conheceu. Davi estava no pátio, esperando pela mãe, quando um garoto foi logo sentando num banco ao seu lado. Tirou o tênis e reclamou que estava apertado.

— Olha só os meus dedos... Três deles são grudados! — mostrou.

— Que legal! — Davi contou que nunca tinha visto alguém assim. Os seus dedos não eram grudados como o do menino.

Num minuto várias crianças rodearam o garoto. Todos queriam ver como eram seus dedos grudados.

— Ele é o único no mundo que tem o pé assim! — Alguém falou.

— Bem que eu queria também! — Outro elogiou.





O menino, que nunca tinha achado graça dos dedinhos grudados, acabou sendo o centro da atenção. Afinal, todos queriam ser como ele!

— Aqui no colégio ele também é o único que tem uma cadeira dessas! — O garoto, que se chamava Cláudio, olhou para Davi como se ele fosse ainda mais importante e acrescentou: — E a cadeira dele tem um monte de figurinhas!

As crianças acharam que o menino tinha razão.

— Quer entrar pro meu time de futebol? — Davi convidou.

— Eu quero. E acho que meu irmão gêmeo também vai querer.

— Vamos treinar aqui mesmo na escola, sábado que vem. O Rolha... quer dizer, o Mathias, pediu para diretora e ela deixou. A gente vai poder jogar no campinho.

— Legal.

— Às dez da manhã, falou?

— Falou — Cláudio concordou por ele e pelo irmão.

Davi fez as contas: oito. Estava bom para o começo!

Felipe apareceu em seguida, dizendo que a mãe os esperava do outro lado do pátio. Davi estava louco para contar a novidade para o irmão, mas só faria isso no sábado, na hora de sair para o jogo.

Na escola, cada um deu o número de seu telefone para o outro. Precisavam acertar algumas coisas. As camisetas, os calções, a bola, o nome do time. Os pais de Davi nem imaginavam

o que ele estava tramando. Sentiam-se felizes, achando que que aquelas conversas todas eram coisa de escola, troca de lição, tarefa.

Depois de muita conversa e até uma discussão, decidiram num sorteio: cinco camisetas seriam amarelas e cinco calções vermelhos; as outras cinco camisetas seriam vermelhas e os calções, amarelos. Era sempre bom ter um uniforme a mais. Felipe emprestaria a bola e o nome do time seria Conquista Esporte Clube.

— Mas por quê? — Giovaneusa, que tinha convidado a irmã, Giovacleusa, perguntou.

— Ah, porque a gente conquistou um time só pra gente, não ficamos esperando pelos outros! — Chupa-ovo respondeu.

— É... — Giovacleusa concordou.

Sábado cedo. Davi acordou o irmão.

— Precisamos de ajuda... — pediu.

Felipe, morto de sono, não estava entendendo nada.

Então Davi contou sobre o time de futebol formado com os amigos da escola.

— Mas e você? Como vai jogar?

Ele tirou a “perna mágica” que tinha guardado embaixo da cama.

— Olha só o que vou fazer com essa perna! Vou chutar como você! — Ele estava todo feliz.

Felipe ficou sem jeito. Será que aquilo daria certo? Mas ele tinha que tentar. Arrumou então uma roupa preta, já que seria o juiz. Tratou de pegar a sua bola de capotão, companhia de tantos gols na pracinha do bairro, e o apito.

Pediu que o pai os levasse até o colégio. Contou que iam treinar mas não falou do irmão. Os pais se preocupavam quan-





do Davi resolvia andar mais depressa com a cadeira, imagine se o vissem correndo para cá e para lá!

Nilson levou os filhos. Achava tão bom quando saíam juntos!

— Olha lá a hora do almoço, hein? — Vânia gritou, lá da cozinha.

Os meninos nem ligaram. Não estavam nem um pingo preocupados com a comida.

Quando chegaram ao colégio, Nilson e Felipe levaram Davi até o campinho. Assim que deixou os filhos no grama-do, voltou para o estacionamento, deu partida no carro e buzinou, acenando.

Mathias estava muito engraçado num calção vermelho curto e justo, e com a camiseta amarela que deixava metade de barriga à mostra. Joaquim tinha emprestado um calção de alguém oito vezes maior que ele. O calção mais parecia uma calça comprida e a camiseta, uma camisola.

Um a um, os outros foram chegando... João, elástico prendendo os óculos, Cláudio e o seu irmão gêmeo Claudinor, Rober, Gi e... surpresa! Giovacleusa levou o irmão caçula, Giovane.





— Prontos? — Davi amarrou a perna mágica à cadeira.

Todos ficaram mudos. O que ele estava tentando fazer?

— Não se preocupem. Eu já testei. Consigo chutar. Não é uma beleza, mas dá pro gasto... — avisou.

Felipe se surpreendeu com a força de vontade do irmão... a ponto de inventar uma coisa tão... diferente!

Felipe separou os garotos em dois times: Davi, Joaquim, Mathias, João e Giovane de um lado e Cláudio, Claudionor, Robervaldo, Giovaneusa e Giovacleusa do outro.

Confusão no pedaço: Cláudio, Claudionor e Robervaldo acharam injusto que as duas meninas ficassem do lado deles.

— Mulher é frango, cara! — reclamaram.

— E o Davi também não conta! — quando viu, Joaquim já tinha falado besteira.

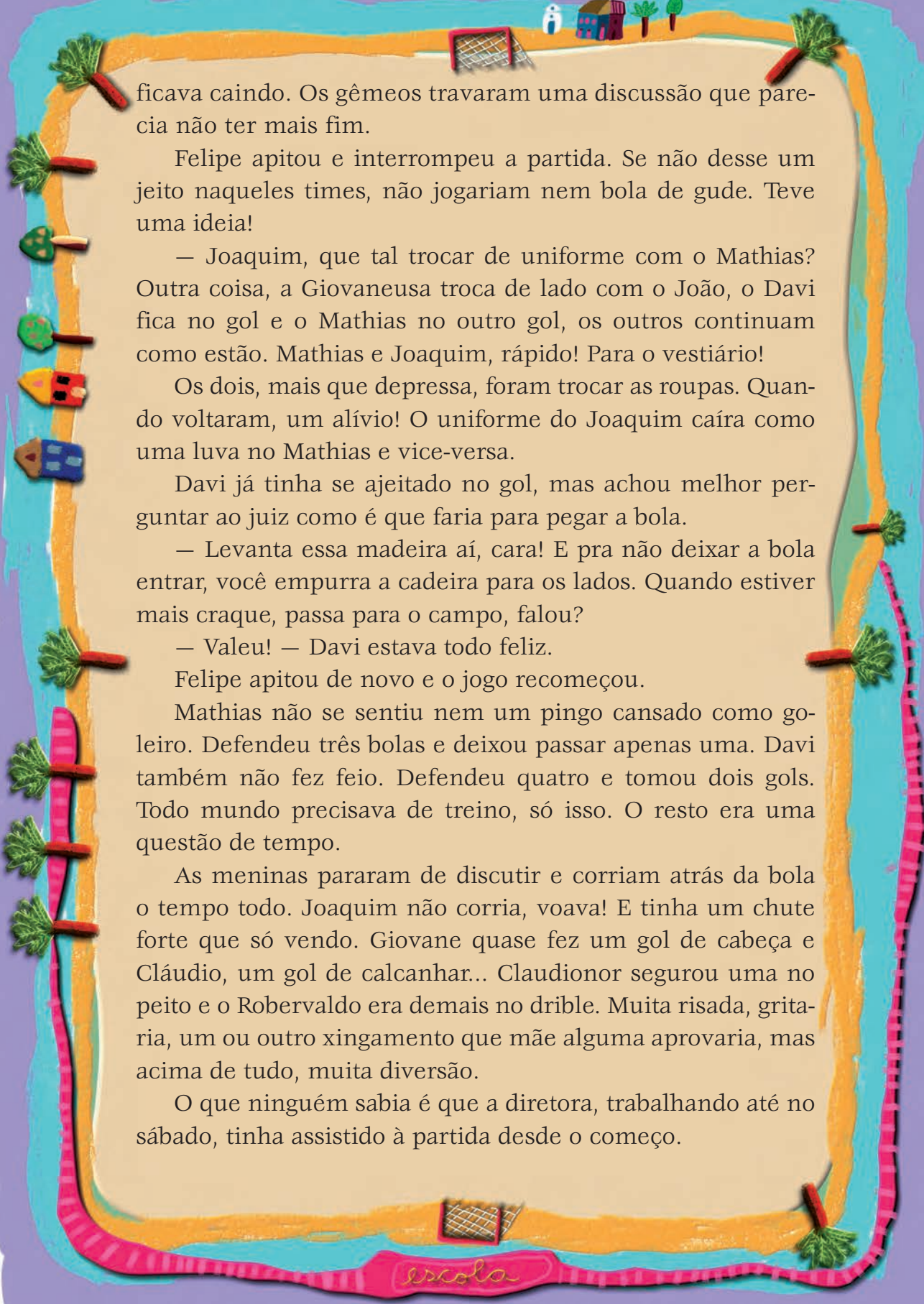
— Sai, Rolha! Você aí desse lado também vai dar prejuízo! — Robervaldo respondeu.

Felipe apitou e falou que aquilo era só um treino. Não podia ser levado tão a sério daquele jeito. Chamou os dois grupos e explicou, do jeito que pôde, as posições de cada um, as regras, o que podiam e o que não podiam fazer. De um lado o Giovane no gol; do outro, o Cláudio.

Times a postos, o juiz apitou o início da partida.

Mal a bola saiu e já foi parar no “pé” de Davi. Ele bem que tentava, mas, cada vez que mexia na tal madeira com a chuteira na ponta, alguém aparecia para retomar a bola. Corria com a cadeira para cá e para lá, mas nada de conseguir alcançar a redonda. A cada três passos, Mathias se cansava. As meninas, atrapalhadas, paravam para discutir. Joaquim interrompeu o jogo várias vezes para arrumar o calção, que





ficava caindo. Os gêmeos travaram uma discussão que parecia não ter mais fim.

Felipe apitou e interrompeu a partida. Se não desse um jeito naqueles times, não jogariam nem bola de gude. Teve uma ideia!

— Joaquim, que tal trocar de uniforme com o Mathias? Outra coisa, a Giovaneusa troca de lado com o João, o Davi fica no gol e o Mathias no outro gol, os outros continuam como estão. Mathias e Joaquim, rápido! Para o vestiário!

Os dois, mais que depressa, foram trocar as roupas. Quando voltaram, um alívio! O uniforme do Joaquim caíra como uma luva no Mathias e vice-versa.

Davi já tinha se ajeitado no gol, mas achou melhor perguntar ao juiz como é que faria para pegar a bola.

— Levanta essa madeira aí, cara! E pra não deixar a bola entrar, você empurra a cadeira para os lados. Quando estiver mais craque, passa para o campo, falou?

— Valeu! — Davi estava todo feliz.

Felipe apitou de novo e o jogo recomeçou.

Mathias não se sentiu nem um pingo cansado como goleiro. Defendeu três bolas e deixou passar apenas uma. Davi também não fez feio. Defendeu quatro e tomou dois gols. Todo mundo precisava de treino, só isso. O resto era uma questão de tempo.

As meninas pararam de discutir e corriam atrás da bola o tempo todo. Joaquim não corria, voava! E tinha um chute forte que só vendo. Giovane quase fez um gol de cabeça e Cláudio, um gol de calcanhar... Claudionor segurou uma no peito e o Robervaldo era demais no drible. Muita risada, gritaria, um ou outro xingamento que mãe alguma aprovaria, mas acima de tudo, muita diversão.

O que ninguém sabia é que a diretora, trabalhando até no sábado, tinha assistido à partida desde o começo.

Ela podia ser chata, brava, mandona, mas conhecia um a um os seus alunos. E até os novos! A partir daquele joguinho de sábado, tinha resolvido algumas pequenas coisas... Nem tão pequenas assim.

Afinal, o que custava fazer mais rampas na escola, adaptar um dos banheiros para o Davi... Quem sabe, ali mesmo no bairro não haveria outras crianças como ele?

Da sala, ouviu o juiz apitando e estimulando os times.

— Vamos lá, Conquista Esporte Clube, ânimo pro segundo tempo!

Davi estava sentado no banco, descansando, mas sorria, todo feliz. Quem disse que não ia jogar futebol um dia? Tudo era sempre uma questão de tempo e de jeito!

— E você Giovaneusa, chega de brincar com a cadeira do meu irmão! É hora de trabalhar! — Felipe falou entusiasmado.



Giovanusa passou a cadeira para Davi, que voltou para o gol. Na semana seguinte, não se falou noutra coisa no colégio. O Conquista Esporte Clube foi elogiado pelo porteiro e pelo faxineiro, que assistiram ao jogo de longe. Conta aqui, passa o caso para lá, e era um monte de gente querendo entrar no time. Mathias já nem ligava quando o chamavam de Rolha.

— Rolha, tem um lugar no seu time pra mim?

— Chupa-ovo, sempre fui seu amigo!

— Davi, me põe no time, vai!

— Treino, gente, é só no sábado. E a gente tem que pedir pra diretora — explicavam.

Na quinta-feira, Davi levou um susto ao chegar na classe.

— Nossa! Que legal! — ele exclamou. — Uma rampa!

Mathias teve a mesma surpresa: uma carteira um pouquinho maior fez com que ele se sentisse bem mais confortável.

— Quanto ao banheiro, a diretora explicou:

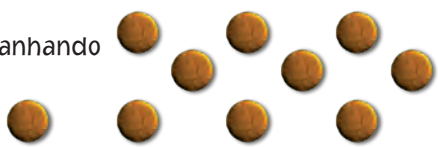
— Mais uma semana e teremos outros dois banheiros adaptados. Temos uma nova aluna matriculada.

Davi achou legal. Mas muito legal mesmo.

“Agora vou planejar outra coisa”, pensou. Já tinha visto tanta gente brincando em um skate... Estava só pensando num jeito de conseguir! Sua mãe iria reclamar, dizer que ele podia cair, se machucar. O pai iria pegar no pé dele, mas ele estava decidido. Teria um skate! E faria manobras radicais!

Mas daí já ia ser uma outra história!





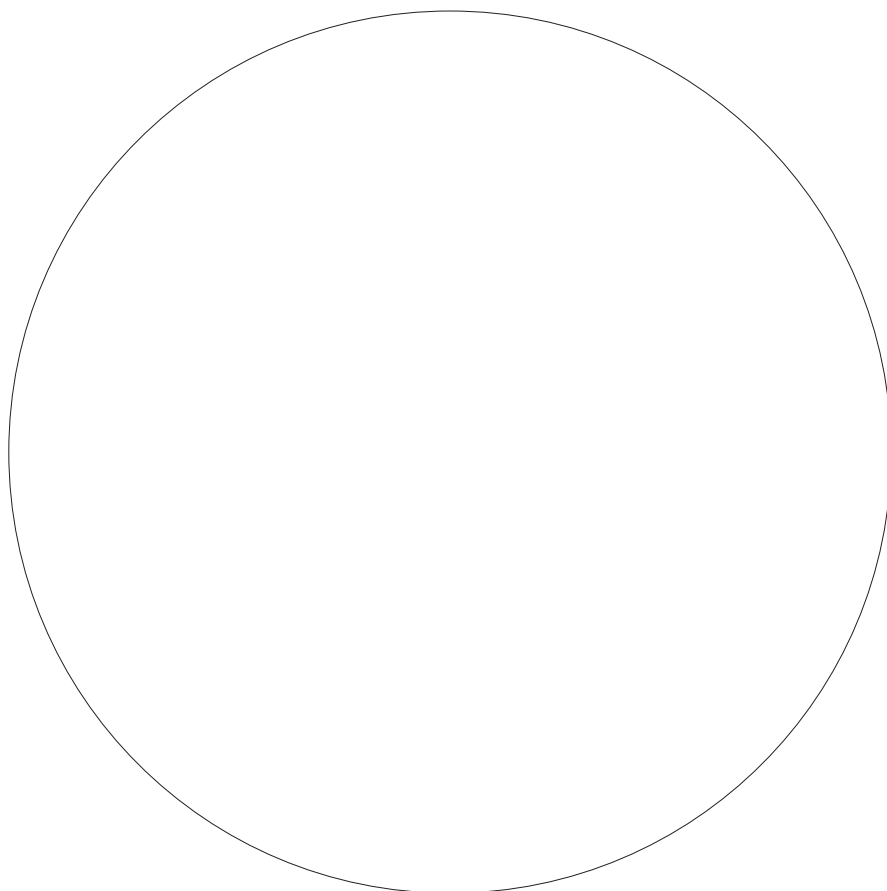
No nosso time a gente sempre sai ganhando
No nosso time todo mundo é amigo
No nosso time todo mundo é igual
A gente sempre se diverte no final

Venha com a gente se você é perna de pau
Ou se é o bom, ou se o mau, ou se é o tal
Cada um tem seu valor
Dentro de campo

Conquista esporte clube
Conquista esporte clube
Conquista esporte clube

Ninguém fica no banco!

Letra da música da última faixa do cd.





*Um caminho
para a inclusão*

Telma Guimarães Castro Andrade, renomada autora de livros infantis e infanto-juvenis, em *Conquista Esporte Clube* nos apresenta um time de futebol bem diferente dos outros, formado por aqueles meninos que normalmente não são os escolhidos pelas equipes, mas que se dedicam tanto para superar suas limitações que fazem com que todos percebam que o respeito é imprescindível no cotidiano das crianças e jovens. Este é mais um livro do *Projeto compartilhar - um caminho para a inclusão*, que apresenta uma possibilidade de mudança de atitude com relação aos comportamentos, evidenciando o prazer da descoberta do outro como um ser humano diferente e – por isso mesmo – belo.



Esta obra é acompanhada por um audiolivro com texto integral, dramatizado, e agrega novas possibilidades de interpretação e abordagem, amplia acessos e inclui pessoas.

ISBN 978-85-10-04228-4



9 788510 042284